

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela
Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:

Prof. H. J. Souza

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

REDATOR-CHEFE

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

SECRETARIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos
assinados são de responsabilidade
dos autores.



SUPLEMENTO DA REVISTA "DIARINA"

SUMÁRIO

"A Tremenda Revelação".

Dia da Ira.

O Que é Teosofia?

Palavras Sábias.

Aulas Teosóficas.

Hino Nacional Brasileiro
Versão Tupi.

Ainda Sobre o Reconheci-
mento de Utilidade Pu-
blica da S. T. B.

É permitida a transcrição parcial ou total
dos artigos, deste periódico, desde que citada
a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL

“A TREMENDA REVELAÇÃO”

Diversos jornais têm publicado — com o cabeçalho acima — a notícia da «aparição de N. Sra. de Fátima ao Papa, para lhe dar uma revelação que só pode chegar ao conhecimento público no ano 1960. Revelação esta que faz derramar copiosas lágrimas à S. S. o Papa Pio XII, tôdas as vezes que da mesma se recorda».

Nós outros, sem querermos passar por «profetas» — que jamais houve número igual como agora, para fazer valer as palavras do Cristo, como prenuncio, entre outros muitos, de um «Fim de ciclo apodrecido e gasto», e não propriamente do chamado JUIZO FINAL, sem que os homens tenham chegado ao máximo da sua evolução na Terra, nem esta, por sua vez, esteja de todo formada... Muito menos querermos passar por intrusos em questões da Igreja, mas que representam interesse geral para o mundo — podemos afirmar que, desde o ano 1949, sinão um pouco antes, já havíamos dado essa mesma Revelação aos Membros mais adiantados de nossa Obra, pois que, para fazer valer as exigências na mesma contidas, equivalentes a um JULGAMENTO, não pode, de fato, ser dita de público... Sim, porque a BONDADE e a INTELIGÊNCIA DEVEM SER DONS NATURAIS À TODAS AS CRIATURAS. E não, ao contrário, isto é, que somente pelo temor (ou avisos anteriores), venham as mesmas a adotar aquilo que dever era seu possuir naturalmente... Daí, o ciclos de Julgamento, que, a bem dizer, ligados estão ao DIES IRAE da Igreja Católica.

Assim é que muitas pessoas julgam a referida Revelação de N. Sra. de Fátima, ter estreita ligação com o que aconteceu — em 1890 — com o Papa Leão XIII, quando «estando ele a rezar a santa missa, viu e ouviu o Cristo discutindo com Lucifer, pois que este exigia daquele, de 50 a 60 anos para destruir a sua Igreja. Enquanto o Cristo lhe respondia: — Está bem. Em tal época nos encontraremos e tú terás que ajustar contas comigo (1).

Pois bem, no ano 1949 — que completava 59 anos

para o ciclo exigido por Lucifer, isto é, de 50 a 60 anos... teve lugar um fenômeno que, por sua vez, não pode chegar ao conhecimento público, embora que figure nos Arquivos de nossa Instituição, e fosse presenciado por vultoso número de Irmãos pertencentes ao seu Quadro interno...

Pelo que se vê, N. Sra. de Fátima não viria falar em algo já acontecido, e sim, como Ela mesma o afirmou, para o ano de 1960, que também é uma data muito séria no futuro destino do mundo, principalmente para certo País que terá, também, de «chorar copiosamente» — como acontece com S. S. o Papa Pio XII... — por semelhante catástrofe. Quatro anos antes, ou seja, o de 1956 — e por cuja razão a S.T.B., daquela data em diante, «só aceitará em suas fileiras menores de 21 anos (como sementes da Nova Civilização), terá lugar um outro fenômeno de ordem espiritual que, a bem dizer, é idêntico à outras palavras do Cristo, quando o mesmo fala «na separação do bom trigo do joio». E que, com outras palavras, «é o da escolha da Semente da referida Civilização», entre «aqueles que ficarem fiéis à Lei», ao invés de contra Ela estarem.

Acontece, porém, que através de palavras veladas, ou melhor, insinuações que nos são permitidas, temos dito muito, muitíssimo, a respeito da TREMENDA REVELAÇÃO que faz chorar copiosamente à S. S. o Papa Pio XII (2). Assim acontece, por exemplo, em nossa obra OCULTISMO E TEOSOFIA, num artigo publicado no jornal VERITAS, em seu número de fevereiro deste ano. Do mesmo modo, neste periódico, na última parte de nosso estudo TEOSOFIA E EUBIOSE, quando falamos de certas catástrofes do humano passado, fazendo referências às futuras...

Para terminar: «Aquilo que está escrito só se apagará depois de realizado». No mais, como no Festim de Baltazar: MANE THECEL PHARES!

O ENCOBERTO!

(Notas de rodapé, na pag. seguinte)

DIA DA IRA

EUGÊNIO PROCLAM MARINS (*)

(Especial para «Veritas», «O Luzeiro», «O Aguas

Virtuosas» e «A Estancia»).

Uma velha lenda mongol nos diz que um dia o grande conquistador Gengis Khan, filho da severa e triste Mongolia, subiu até o cume do Karasu Togol e passou o olhar de águia de Leste para o Oeste. Ao Oeste êle viu um oceano de sangue humano, acima do qual flutuava uma bruma purpurea que lhe encobria todo o horizonte. Deste lado, não pôde descobrir seu destino. Mas os deuses lhe ordenaram marchar para o Leste e conduzir com êle todos os seus guerreiros das tribus mongóis. No Leste viu ricas cidades, templos resplandescentes, multidões felizes, jardins e campos férteis e todos estes espetáculos o encheram de alegria.

Disse, então, a seus filhos: «Ao Oeste serei o ferro e o fogo, o destruidor, o destino vingador; para Leste virei como o grande construtor misericordioso, trazendo comigo a felicidade para o povo e para o país».

Cumprindo a promessa, Gengis Khan desceu tempestuoso das geladas e misteriosas montanhas da Asia e assolou com seus exércitos invencíveis dois terços da Terra, decepando com a sua espada de justiça centenas de milhares de cabeças. Vingaria algum crime coletivo de lesa-Divindidade... A Môngolia sagrada não poderia ser infeccionada pelos negadores de Deus, pelos falsificadores de seus mandamentos. Era preciso defen-

der a ferro e fogo a morada dos deuses imortais. Dai, o acometimento guerreiro do Titan tártaro.

Hoje, Gengis Khan e Tamerlão animam entes sinistros. E o demônio que móra nos picos negros do Ihantsi ergue, à noite, a sua figura gigantesca e projeta suas asas de sombra por sobre a velha Asia, manipulando homens e forjando paixões, afim de atirá-los «em vagas monstruosas» sobre o Ocidente. Ocidente pecador, Ocidente que dos ensinamentos de Cristo desprezou o espírito para repetir apenas, e hipocritamente, a letra. **Civilização cristã**, chamamos nós, com heresia, a uma vida de egoísmo e de pecado!

Se o lábaro de Cristo foi novamente instituído no Poente, ninguém o reconheceu. E se se transformou no «Labor» de um movimento novo, tampouco o acolheram e às vezes o difamaram.

Seremos julgados. Virá o Dies Irae. A rasoura da Lei passará sobre nós, trêmulos e acovardados, porque o plano da Evolução é no sentido de chegar a um determinado Fim.

Mas, quando a borrasca sangrenta abater-se sobre o universo, e os homens loucos ignorarem o primado de Deus, então do tétro do mundo e da mesma severa e triste Mongolia virão três divinos Seres acompanhados de um povo agora desconhecido que, arrancando as ervas más do caminho, estabelecerão na Terra uma humanidade feliz, constituída de homens de almas e mentes luminosas.

Assim nos disse o nosso Mestre, o Timoneiro da Barca da Salvação, a Bôca da Verdade, Aquele em quem no peito cintila o Sêlo do Sem Nome e em cujos lábios tremula a Palavra Sagrada, a Palavra Perdida.

(*) O Dr. Eugênio Proclam Marins é membro da S.T.B. e da Ordem do Santo Graal (nôta da redação).

“A TREMENDA REVELAÇÃO”

(1) Este diálogo entre Cristo e Lucifer, segundo a visão de Leão XIII, foi publicado no jornal católico «A VOZ DE S. ANTONIO», de Petrópolis, em seu n.º 9, de setembro de 1952, na primeira página, de onde foi transcrito como se encontra abaixo. Por sua vez, o jornal citado, já o transcrevia da revista católica «AVE MARIA». Eis o diálogo:

Ele (Lucifer) dizia assim:

— Sempre conseguí fazer muitos estragos na vossa Igreja. E se tivesse mais liberdade...

E Nosso Senhor perguntou:

— Que é que tú farias se tivesses mais liberdade?

— Destruiria a Igreja! — respondeu o demônio.

E nosso Senhor:

— Quanto tempo queres para isso?

— Cinquenta... sessenta anos... — respondeu Satanás.

E então Nosso Senhor concluiu:

— Está bem; concedo-te esse tempo e depois faremos as contas.

E é por isso que, desde aquela época, a Missa é terminada com as orações compostas pelo próprio Papa Leão XIII, que visam proteger a Igreja.

(2) Não se deve tomar como contradição, dizermos que «tal revelação não pode ser dada de público» (a própria santa da Igreja exigiu tal coisa do Papa, etc.), para nós mesmos a darmos, por meio de «palavras veladas, insinuações que nos são permitidas» (este último termo por si só faria desaparecer a contradição). Sim, porque se alguém descobre semelhante Revelação através dessa maneira de se dizer as cousas, isto é, «por baixo da letra que mata, o Espírito que vivifica», é porque semelhante pessoa possui inteligência, maneira de raciocinar, etc., bastantes e, como tal, é um ser superior que, dificilmente, conserva maldade no seu coração. Nesse caso, é digno de «semelhante aviso», de semelhante revelação. E isto por quem... de direito, a-parte qualquer idéia estúpida de vaidade que se quizesse atribuir a quem pelo mundo trabalha desde a sua infância, e que prestes está a deixá-lo.

AOS SENHORES ASSINANTES

Para que a distribuição de “O LUZEIRO” continue a se processar normalmente, sem qualquer interrupção, pedimos aos senhores assinantes, que renovem em tempo as suas assinaturas, tendo em vista os novos preços para o Brasil e para o Estrangeiro.

(A administração).

Colecione “O LUZEIRO”. No fim de um ano você terá um volume com incalculáveis valores espirituais.

O QUE É "TEOSOFIA"? (*)

A Teosofia ou «Sabedoria Iniciática das Idades» — através os seus múltiplos nomes de **Sanatana-Dharma**, **Gupta-Vidya**, etc., etc., nada mais é do que a chamada Doutrina Esotérica — essência de tôdas as religiões presentes, passadas e futuras; ou melhor, é a Verdade inabordável (para a maioria dos homens), mas que colleia inatingível, sempre, no fundo de tôdas as religiões e filosofias.

De fáto, as religiões correntes ou exotéricas, não passam de pobres e embeaceados espelhos onde se refletem pálidos raios da Religião-Sabedoria.

Não erram absolutamente os que a denominam de **Budhismo Esotérico**, porque este nada tem de comum com a «seita budhista», criada pelos pretensos discípulos de Budha, a qual se poderia então chamar de **Budhismo Exotérico**, porquanto ninguém ignora que **Esoterismo** escrito com *s*, quer dizer secreto ou oculto, e **Exotérico** com *x*, revelado ou público.

Si lhe quizessemos ainda dar o nome de **Religião Crística ou Atmica**, não poderia do mesmo modo estar errado, — embora que Teosofia não seja religião — porquanto ela tende a fazer de cada homem um Cristo, um Budha, um Iluminado, etc.

Teosofia não significa, como pensam alguns — inclusive a ignorante interpretação das vulgares enciclopedias — comunicação direta com Deus, principalmente o Deus antropomorfo das religiões correntes, nem mesmo «ciência de Deus», porque — tal como nos ensina o emérito polígrafo espanhol — o Dr. Mario Roso de Luna — a Divindade é Abstrata, Inefável e Incognoscível, Pélagio imenso donde tudo emana e para onde tudo volta — mas «ciência dos deuses» ou dos heróis, homens representativos; ou ciência integral da «superação», acima de nossos vulgares viveres de animais — mais ou menos racionadores. «Theos», em grego, equivale, ainda, a Movimento, Ação e Força Espiritual, como «Theoin» foram chamados os astros, por seu eterno movimento.

Teosofia não é, portanto, privilegio de ninguém, nem de Sociedades portadoras de tal nome — inclusive as que desvirtuaram os fins a que foram criadas, instituindo novas religiões — como se as já existentes, não fossem suficientes.

Perde-se na noite dos tempos a existência da Ciência oculta ou Doutrina Esotérica. Conheciam-na todos os grandes povos da antiguidade, assim na Asia, como na Africa, Europa, America e mesmo na Oceania, segundo o demonstram a unidade e universalidade de seus símbolos, gravados em caracteres indelévels, nos seus respectivos templos. E quem houver penetrado nas profundezas desta Ciência, lerá sempre as mesmas verdades nos muros de Palenque, como nos de Luxor; nos pagodes lavrados na entranha da rocha da India, como nos restos ciclópicos de toda a região mediterrânea e nos colossos que nos revelam a existência de raças e continentes submersos.

Os Bramanes da India, do mesmo modo que os Iogis do mesmo país; os hierofantes do Egito, os profetas de Israel, os Essênios cabalistas, os Gnosticos, os Cristãos, do mesmo modo que todos os folósofos e pensadores, possuíram todos eles Doutrinas Esotéricas, ou

melhor, a Doutrina Esotérica, por outro nome Teosofia.

O «Livro dos Mortos», do antigo Egito, contém a Doutrina Esotérica do Egito, a filosofia Ioga, contém o Esoterismo da India, a Cabala, a dos Hebreus; e assim por diante.

Pela tradição, ela tem vindo até os nossos dias, embora com certas lacunas e graves erros, devido falsas interpretações.

Os ensinamentos da Doutrina Arcaica — por outro nome Teosofia — têm uma origem divina, que se perde na noite dos tempos. «Origem divina, não quer dizer — entretanto — uma revelação de um Deus antropomorfo, sôbre uma montanha, cercado de raios e trovões, mas, segundo o compreendemos, uma linguagem e sistema de ciência comunicados à Humanidade primitiva por outra Humanidade tão avançada, que parecia divina aos olhos da Humanidade imatura». (H. P. Blavatsky).

A Teosofia, é a lei fundamental da Ciência oculta — de que a profana ou positiva nada mais é do que uma tenue projeção, e a qual Blavatsky chamou de «a unidade radical e última essência de tudo, quanto existe em a Natureza, desde o átomo e o homem até o astro; desde o infimo infusório até o Anjo ou Dhyani mais elevado, tanto no mundo fisico que conhecemos, como no mundo psiquico e espiritual que não percebemos, tal como disse Platão na sua República, «de que somos, durante a escravidão desta vida illusória, como eternos prisioneiros que, de costas para a luz, tomamos como realidades as sombras que se projetam nas paredes de nosso carcere». Verdade, dizemos nós, que é conservada na «Lingua dos Mistérios» ou das raças pré-histórica, por Seres Superiores, «frutos excelsos de evoluções passadas, com o nome de Doutrina salvadora do Sudha — Dharma — Mandalam, ou a primitiva Religião-Sabedoria, da qual foram portadores todos os Iluminados que a este mundo vieram.

A Teosofia nos guia por sôbre os objetos de percepção e dirige, portanto, os nossos passos para a Fonte de onde emanamos — pouco importa seu Nome — e nela encontramos a solução de todos os problemas e respostas à tôdas as perguntas — o que se torna impossível às religiões predominantes, justamente por não cogitarem do ensino esotérico, mas apenas do culto — aliás, explorado à custa da ignorância dos seus procelitos.

Teósofos ou «néo-platônicos», «eccléticos e harmônistas», foram chamados os filósofos alexandrinos que, com Amonio Sacas, quizeram deduzir da «Gnosis» (palavra que quer dizer «conhecimento»), o estudo comparado das religiões e normas científicas de conduta.

O próprio Amonio Sacas (Vide Chave da Teosofia de H. P. Blavatsky), não conseguiu religião alguma concreta, e nem seus sucessores, embora procedessem de campos opostos. Porfirio (o mosaismo), Jamblico (a Teurgia egípcia), Proclo (o ocidentalismo), Plotino (Gnosis cristã), etc. foram chamados «filaléteos» ou amantes da verdade sem véo religioso.

Eccléticos ou «sincretistas», por seu espírito de crítica; «harmônistas», por buscarem a Suprema Síntese

filosófica; «analogistas», por aplicarem a chave hermética de que «o que está no alto é como o que está em baixo»; e Teósofos, enfim, por buscarem para o homem vulgar, a suprema ciência da «super-ação», que lhe há de fazer um rebelde, um titan, um Prometeu, um herói.

E quanto ao verdadeiro herói, dizemos: «O Gênio não é o escravo do inteléto, mas sim, o seu senhor. Como as águias, não tem outras cadeias sinão as suas próprias azas. Eleva-se para os céos desconhecidos e excelsos, para roubar aos deuses seu céto. Ama quanto deve amar e odeia tudo quanto deve ser odiado. E' o misterioso peregrino que, em noites estreladas, para interrogar o Mistério, dirige sua róta para as constelações sublimes do espírito. Sua vida é sacrifício, porque entre os de baixo — tal como é o mundo inteiro — ele é o eternamente incompreendido, por levar em sua alma tôdas as luminosidades do divino».

Este, sim, é o verdadeiro herói e, não o sanguinário que vai para os campos de batalha destruir vidas! . . .

Os gregos, discípulos de indús, parsis e egipcios, colocavam acima da humanidade vulgar à esta outra Humanidade dos heróis, dos semi-deuses e dos deuses invisíveis. . .

«Porém, é o caso, diz Roso de Luna, que o homem mais vulgar traz consigo o germe de um herói, porque não ignora que tendo nascido, ipso-fato, é um condenado à morte! E no entanto leva a rir a vida inteira!»

A palavra sanscrita IOGA define — por sua vez — não só o verdadeiro sentido etimológico de Religião, como o de Teosofia, porquanto este termo designa a união com o Todo, por meio de concentração, meditação e ação. **Chama-se Ioga, todo e qualquer processo capaz de libertar o Ego humano do mundo terrestre ou mayavico (ilusório), para o unir à Consciência Universal: Ishvara (o Logos donde emanaram tôdas as individualidades).**

Para nós, a melhor de tôdas as Iogas é aquela apregoada pelo próprio Gotama — como já dissemos em outros lugares: «Uma mente iluminada, é maior do que um anjo e um deus. . . etc. Portanto, só exercitando cada um a sua mente por meio do estudo, harmonizado com um caráter elevado, verá um dia seu Ego libertar-se das «ilusões do mundo terreno».

E' a união das duas Doutrinas: a «do Olho» e a «do coração» ou dois caminhos laterais Jnana — o do conhecimento — e Bhakti — o da devoção, pois que existe um terceiro no centro que é o Karma, ou da ação — aquele que obriga o homem a vários nascimentos, justamente por seus atos e pensamentos serem de ordem exclusivamente terrenos.

Tal como um aerostato, que necessita alijar todo o seu lastro de areia para poder subir cada vez mais, assim o homem que deseja alcançar as regiões sublimes do divino, tem que despojar-se de tudo quanto possa atraí-lo para este baixo mundo.

De acôrdo com o que acabamos de afirmar, encontraremos no Bhagavad-Gita, quando Krishna diz a Arjuna: «Quem assim conheça em sua essência (aquele que adquire tal conhecimento por percepção espiritual). Meu divino nascimento e minhas ações divinas, não mais nascerá quando deixar o corpo, sinão, que a Mim se unirá, oh! Arjuna! Livres de paixão, temor e colera, purificados em fogo (iluminados) de sabedoria, acolhidos a Mim e repletos de Mim, já muitos imergiram no Meu Ser».

Nós — «Teósofos» ou «livres pensadores», não po-

demos comungar em religião alguma positiva, seja induismo, budismo, brahmanismo, cristianismo, protestantismo ou outra qualquer, porquanto, o «nosso único dogma», é o da Fraternidade Humana — sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou côr e o nosso único e Supremo Mestre dos Mestres — tal como vimos de explicar — é o nosso Eu-Divino, nosso Espírito, cuja voz é a da Consciência emancipada e livre.

Dai, o que disse H. P. Blavatsky: Si se prescindir dos ensinamentos secretos, fica a religião reduzida à fraude e à mentira. Entretanto, as massas necessitam de um freio moral, porque o homem vive ansioso pelo mais além e não pode viver sem um ideal qualquer que lhe sirva de faról e de consolo. Ao mesmo tempo, nenhum homem vulgar, embora nesta época de geral cultura, pôde satisfazer-se com verdades demasiadamente metafísicas e sutis, de difícil compreensão, do que provêm o perigo de supplantar com o absurdo e cerrado ateísmo, a fé em Deus e seus santos.

Os primeiros albores do século XX anunciaram o destronamento do Deus de cada país e a proclamação da Única e Universal Divindade — não o Deus da misera piedade, mas a imutável Lei — o Deus da justiça retribuidora; não o da misericórdia, que é simplesmente um incentivo para se cometer o mal e reincidir nele. **Quando o primeiro sacerdote inventou a primeira prece egoísta, perpetuou-se o mais nefando crime de lesa-Humanidade.**

Diz ela ainda: «O Teósofo não crê em milagres divinos nem diabólicos, nem bruxos, nem profetas, nem augúrios, mas tão sômente em Adeptos capazes de realizar fátos de caráter fenomênico, a quem julgar por palavras e atos. . . O estudante de Ocultismo não deve professar determinada religião, embora tenha o dever de respeitar tôda opinião e crença para chegar a ser Adepto da Boa Lei.

Não deve sujeitar-se aos prejuízos e opiniões de ninguém e há de formar as suas próprias convicções, de acôrdo com as regras de evidência, que lhe proporciona a ciência a que se dedica. . . sem atender a encômios de fanáticos sonhadores, nem a dogmatismos teológicos. . . Jesus pregou uma doutrina secreta e «secreta», naquele tempo, significava: «Mistérios de iniciação», que foram repudiados ou alterados posteriormente».

Voltaire caracterizou em poucas palavras os benefícios dos Mistérios ao dizer que, «entre o caos das superstições populares, existia uma instituição que evitou sempre a queda do homem em absoluta animalidade: a dos Mistérios!»

A eterna rebeldia de Blavatsky, em demanda da Suprema Méta Espiritual, está expressa nestas palavras: «Há uma Lei Eterna na Natureza, que tende sempre a ajustar os opostos e a produzir uma harmonia final. Mercê à esta Lei de desenvolvimento espiritual, que sobrepujará a física e a puramente espiritual, a Humanidade ver-se-á livre de seus falsos deuses, encontrando-se finalmente redimida por si mesma».

O próprio Ammonio Sacas, ensinou que a religião das multidões correu pari-passu com a filosofia e que com esta se foi corrompendo gradualmente, por vícios de conceitos, mentiras e superstições puramente humanas. Era necessário, portanto, restituí-la à sua pureza original, purificando-a da escoria e interpretando-a filosoficamente, pois o propósito do Cristo, foi estabelecer

à sua pristina integridade, a Sabedoria da antiguidade; reduzir o domínio da superstição que prevalecia no mundo; corrigir os erros introduzidos nas diversas religiões.

Os primeiros «Reis Divinos» ou Seres superiores vindos — segundo a tradição — de outros planetas, durante a Terceira Raça Lemuriana, lançaram os alicerces das Instituições iniciáticas que, logo na Atlântida foram degeneradas em religiões positivas pela fatal influência da infantilidade e pobreza mental dos homens aos quais eram dadas, à guisa de outras tantas instrutivas e morais fábulas. Aquela influência superior, ou «Religião do Espírito», manteve-se, entretanto, mais ou menos secreta e afastada do comércio dos vulgares ou dos «pequenos», durante o resto da época lemuriana e a maioria dos séculos atlantes, como centros semelhantes aos dos países drávidas da Índia e o grande Colegio do Jardim de Hespérides, no Ocidente, Colegio que, pouco tempo antes da catástrofe da Atlântida, foi trasladado para o Oriente (itinerário de IO), através das regiões mediterrâneas, até Armênia e Aryo-Índia ou Batriana e Afganistão (Oxus, Iaxartes, Paropamisos e Meseta de Pamir) daí irradiando-se várias correntes, uma delas para o Indo e o Ganges (Índia), constituindo os etíopes orientais; outra, para o Nilo (Egito), dando origem aos etíopes ocidentais, etc. Isso, por suposição, ocorreu há onze mil anos, ou muitíssimo mais, segundo certas autorizadas cronologias». (Vide pág. 289 de «Simbolismo de las religiones del mundo» de Roso de Luna).

Na Introdução de «Simbologia Arcaica», diz o mesmo autor: «A origem das religiões e dos sacerdotes, está resumida nestes conceitos:

«Diz-se que no começo não houve Mistérios Iniciáticos. O conhecimento (Vidya) era propriedade comum e predominou universalmente, durante a Idade de Ouro ou Satya-Yuga. Segundo o comentário, os homens ainda não haviam produzido o mal naqueles dias de felicidade e de pureza, porque a sua natureza era mais divina do que humana. Porém, ao multiplicar-se rapidamente o gênero humano, multiplicaram-se também as idiosincrasias do corpo e da mente, e o espírito encarnado manifestou-se em debilidade. Nas mentes menos cultivadas e sãs, enraizaram-se certos exagêros contrários à natureza e suas respectivas superstições. Dos desejos e paixões até então desconhecidos, nasceu o egoísmo pelo qual, amiúde, abusaram os homens de seu poder e sabedoria, até que, finalmente, foi preciso limitar o número de conhecedores. Assim teve começo a Iniciação.

Cada país impôs-se um sistema religioso acomodado à sua capacidade intelectual e às suas necessidades espirituais. Porém, como os sábios prescindiram do culto e simples formas, restringiram a mui poucos, o verdadeiro conhecimento. A necessidade de encobrir a Verdade, para resguardá-la de possíveis profanações, se deixou sentir cada vez mais em cada geração e assim se converteu em Mistério. Estabeleceram-se os Mistérios em todos os povos e países, e procurou-se ao mesmo tempo, evitar toda contenda e erro, permitindo que nas mentes das massas profanas enraizassem crenças religiosas exotéricas inofensivas, adaptadas, no começo, às inteligências vulgares — como roseos contos para crianças — sem receio de que a fé popular preju-

dicasse às filosofias e abstrusas verdades, ensinadas nos santuários iniciáticos, mesmo porque não devem cair sob o domínio do vulgo, as observações lógicas e científicas dos fenômenos naturais, que conduzem o homem ao conhecimento das eternas verdades, que lhe consentem aproximar-se do dintel da observação, livre de prejuízos e ver com olhos espirituais, antes que com os olhos do corpo físico.

Com o decorrer dos tempos, na Quinta Raça — a Arya — alguns sacerdotes pouco escrupulosos, prevaleceram-se das simples crenças das gentes e acabaram por elevar as Potestades Superiores à categoria de Deuses, afastando-se completamente da única e universal Causa das causas...

Naqueles primitivos dias não constituíam os brahmanes ou sacerdotes, uma casta aparte, mas qualquer homem podia ser brahmane, por meritos próprios e em virtude de iniciação. Entretanto, pouco a pouco foi prevalecendo o despotismo e a dignidade de Brahmane passou de pais a filhos, como herança. Os direitos de sangue (nepotismo) suplantaram o verdadeiro mérito e... desta maneira, instituiu-se a poderosa casta dos brahmanes».

(*) Este trabalho é o segundo de uma série, em que o primeiro, O QUE É RELIGIAO, já foi publicado em o número 12 deste periódico. A seguir será publicado: A TEOSOFIA E A FRATERNIDADE UNIVERSAL. Todos estes trabalhos já saíram, incorporados em um único artigo, no órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira, a revista DHARANÁ, e são de autoria do Prof. Henrique José de Souza (nota da redação).

10 DE AGOSTO

A SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, instituição genuinamente nacional, acaba de comemorar, a 10 do corrente mês, seu 29.º aniversário de fundação material. Tal fato deu-se em 1924, na cidade de Niterói, debaixo dos mais desconcertantes fenômenos, assistidos por centenas de pessoas, inclusive da imprensa fluminense e carioca, três anos depois da fundação espiritual que se deu em S. Lourenço (a 28 de Setembro de 1921). Nesta cidade, onde tem sua sede e fôro, fez erigir um Templo dedicado a todas as religiões do Mundo e, conseqüentemente, à Paz Universal. Aliás, desde a sua fundação, a S. T. B. vem apregoando o "slogan": "um só idioma, um só padrão monetário, uma frente única espiritualista". Além disso, através das instituições a ela filiadas e de sua extensa cadeia de jornais e revistas, espalhada por todo território nacional, desempenha um extraordinário papel educativo para a formação da SEMENTE DA NOVA ERA, fazendo, assim, jus ao seu magnífico lema: SPES MESSIS IN SEMINE, ou, "A Esperança da Colheita está na Semente".

PALAVRAS SÁBIAS

H. J. SOUZA

Trechos da Introdução de O VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO

Inútil querermos palmilhar um caminho que não é o nosso. O dia mais feliz do Ocultista não é aquele em que descobre o Caminho da Evolução, mas aquele em que auxilia a outro a sua descoberta.

A maioria dos homens palmilha o caminho da esquerda ou «smarrita», o lunar ou tenebroso que conduz à Magia Negra. Enquanto a minoria, o da direita ou «diritta», o solar ou da Magia Branca. O mesmo Dante já os apontava na sua Divina Comédia ao falar do «inferno» (Capítulo I, vers. I e II), ao dizer:

«Da nossa vida em meio da jornada,
Achei-me em uma selva tenebrosa
Tendo perdido a verdadeira estrada».

«Selva selvagem» esta, que as escrituras orientais, por sua vez lhe dão o nome de **Avidya**, ou da ignorância das coisas divinas, dos conhecimentos superiores, etc. pois em tal «floresta» perdidos estão quasi todos os homens, por terem preferido o caminho do «menor esforço», o aparentemente mais largo e mais fácil de ser percorrido.

E' aquele mesmo «Jungfrau» (selva ou floresta negra) das lendas escandinavas, do qual o grande Wagner se serviu para as suas imortais obras musicais. «Selva», sim, que embora **virgem**, é negra ou obscura... igual às de vários contos que embalaram a nossa infância, como aquele, por exemplo, de «Joãosinho e Anita», os quais se perdendo no caminho, embrenharam-se por «negra floresta», indo ter à casa, mui propositadamente preparada pela má fada, verdadeira «armadilha» às incautas crianças, pouco importando a idade, pois que velhos há aos sete anos, e crianças aos setenta... que «se deixam levar por doces e brinquedos», como aqueles da referida casa com a qual se separaram os dois irmãos do conto referido. Mas aparece sempre a Boa Fada, que é a Teosofia, como «Sabedoria Divina», Farol de Bonança capaz de iluminar a longa e espinhosa Vereda da Vida, a quantos dela se quizerem servir, desde que, de modo sincero e respeitoso.

Na Tragedia de Ésquilo, «Prometeu acorrentado no CAUCASO (ou carcere carnal) com um abutre a devorar-lhe as entranhas» (o abutre da ignorância das coisas divinas) espera por EPIMETEU, o Libertador». Semelhante alegoria não significa outra coisa, sinão, a própria Humanidade à espera de Alguém que a liberte das pesadas cadeias em que vive na Terra, quando, em verdade, dever é seu de «libertar-se por si mesma», ou «por seus próprios esforços», como já ensinava o meigo nazareno, ao pronunciar as seguintes palavras: «Faze por ti, que EU te ajudarei». Sim, porque esse «EU» aí não é mais do que a Consciência ou parte espiritual do Homem, teosoficamente conhecida por SÉTIMO PRINCÍPIO, ou «Princípio Crístico». Na mesma razão, aquele outro conto infantil de BRANCA DE NEVE E OS

SETE ANÕES (melhor dito, GNOMOS, pois que «anão» é uma aberração da natureza, provocada pela glândula hipofise, etc.) que acaba sendo salva do seu «amargurado letargo»... por um Príncipe encantador. Na Mitologia grega, «Psyké anda em busca do seu bem-amado». E Psyké não é mais do que a alma humana em busca do Espírito, ou aquela mesma Consciência a que nos referidos anteriormente.

Quanto à aparente dificuldade de ser encontrado O VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO, o que tanto vale pelo de sua «verdadeira Missão na Terra», segundo seu Karma (lei de causa e efeito, ação e reação, etc.), para não ir ter adiante do dantesco portal onde se liam as ameaçadoras palavras LASCIATE OGNI SPERANZA, O VOI CH'ENTRATE, vejamos o que diz o grande Iluminado que teve o nome de Claude de Saint-Martin:

«Julgo fazer uma advertência salutar sobre tais fatos, dizendo-vos: Homens, meus irmãos, meus amigos, desconfiai dessas alegrias e desses transportes que vos ocasionam semelhantes missões, dirigidas por aqueles que se dizem protegidos pelos deuses e sobre os quais vos firmais com tanto prazer.

Por que razão não haveis de compreender que não é possível existirem tantos bens sobre a Terra? Estais certos de que esses gãos que vos são oferecidos (sem esforços próprios, dizemos nós, na mesma razão do «Faze por ti, que Eu te ajudarei») — inclusive o da «salvação eterna», e que de **antemão vos trazem felicidade**, sejam remédio seguro para vossos males, para vossas feridas? Ou, pelo contrário, retardam as alegrias perduráveis que podereis sentir no vosso imo? Guardai-vos, com prudente reserva, no meio dos prodígios e das predições que vos cercam a respeito de semelhantes missões dirigidas e protegidas por tal gente» (de falsos profetas e messias, dizemos nós, o mundo está repleto... sem falar nos messias políticos «que muito prometem... e nada fazem»).

E mais adiante:

«O que pode servir, nessas manifestações ou movimentos exteriores, para discernimento entre o verdadeiro e o falso, é a superficialidade dos resultados de tais missões, pois elas não passam de simples sombras de OBRAS VERDADEIRAS. Tudo nelas trescala a humano, a interesses pessoais, embora que sob promessas enganadoras de felicidade, grandeza, etc. Nesse caso, obras pouco vivificantes, para se ligarem ao plano da Grande Obra Divina, cujo fim principal é atrair-vos para o vosso centro interno, onde Ele se acha, em lugar

de subdividir-vos em centros externos, frágeis, tenebrosos, corrompidos, onde Ele, de maneira alguma pode ser encontrado».

E' das escrituras orientais, o seguinte apêlo:

«Do Ilusório conduz-me ao Real. Das trevas à Luz. Da Morte à Imortalidade».

Tal sentença vale por um compêndio filosófico.

Finalmente, o grande Iluminado que estamos citando, diz o seguinte:

«Homens presentes, passados e futuros! Todos vós que representais um Pensamento do Eterno Sôprô da Vida, pensai no que seriam as vossas luzes, as vossas felicidades, se todos os germens divinos, de que sois constituídos, estivessem em franco desenvolvimento, em plena atividade?

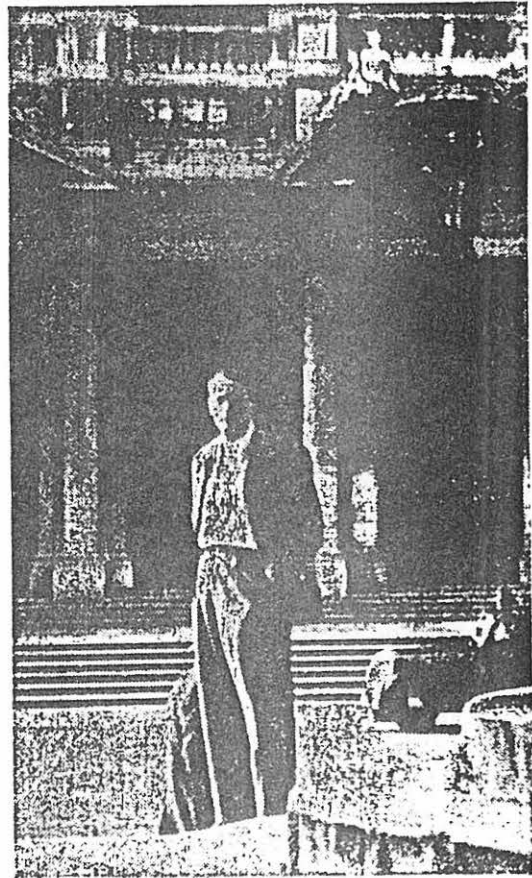
Mas, se sob o privilégio da vossa Divindade persistirdes em viver ainda, alquebrado pelo pêso dos gemidos e pezares de vossa atual existência, os quais vos interdizem os gôsos ultra-terrenos, procurai, ao menos, fazer refletir sôbre vós os traços dos raios de vosso SOL Gerador; esforçai-vos para ser aquilo que foi o Homem numa época que já passou para vós no dia de hoje... mas, de que a ela não fostes estranhos, como podem testemunhar a beleza de vossa estrutura física e a pujança da vossa mentalidade.

E se perdestes a lembrança dessa época maravilhosa do passado, deveis tão dolorosa perda, única e exclusivamente a certas religiões pervertidas pelo interesse e maldade dos seus sacerdotes».

E isto, dizemos nós, porque as religiões — embora que verdadeiros freios para aqueles que não sabem guiar-se na vida, sinão, por esses meios tão incompletos (um deles, o do «Crê ou morre»...), tão deficientes para se alcançar um nitida e perfeita compreensão das coisas — jamais poderão conduzir o homem ao seu verdadeiro destino, visto não ser pelo temor a um Deus vingativo e às penas infernais, que êle (homem), «livre de paixões, isento de temores e munido duma fé inabalável em si mesmo, poderá alcançar o pináculo da Glória, onde tremeluz o Mágico Triângulo da INICIAÇÃO».

Finalmente: se quizerdes reconhecer uma verdadeira Missão, buscai aquela que é perseguida, que pouco ou quasi nada possui das riquezas terrenas, mas tem — com a exuberância natural da excelsa Arvore da Vida — tesouros inesgotáveis de SABEDORIA, como único bem que vos pode oferecer na Terra, afim de que, a Chama divina que em vós existe, se eleve cada vez mais, transformando-se em uma FOGUEIRA: a fogueira imensa da vossa própria CONSCIÊNCIA.

HONRA AO MERITO



JOÃO GIBIN, "o Vencedor do Concurso O GRANDE CARUSO", e membro da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, envia-nos esta sua fotografia diante da Igreja de Santa Maria Maggiore, em ROMA (Italia). E isto, prestando homenagem à Obra em que se encontra empenhada a S. T. B., e à qual se encontra ligada a referida Igreja. Este mesmo Irmão traz sempre na lapéla o emblema da Ordem a que pertence.

O progresso artistico de João Gibin é cada vez maior. E, quando um dia, que não está longe, regressar à sua Pátria, grandes surpresas estão reservadas a seu respeito.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

O ARAUTO - de S. Lourenço, Minas Gerais

VERITAS - de S. Lourenço, Minas Gerais

O PROGRESSISTA - de Belém do Pará

EVOLUÇÃO - de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

ODUSTA - de S. Paulo

O MÊS - do Rio de Janeiro

AULAS TEOSÓFICAS

(Sob os auspícios do Departamento
de Correspondência da S. T. B.)

Objetivando reforçar os ideais em torno da Frente Única Espiritualista a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, através do seu Departamento de Correspondência, dará início, a partir do próximo número de «O Luzeiro», à publicação de **Aulas Teosóficas**, que se destinam aos simpatizantes do movimento que se processa no Universo, visando preparar o terreno para o advento da Era de MAITREYA, que em breve terá início.

Como abertura ao programa delineado pelo Departamento de Correspondência da S.T.B., transcrevemos hoje um artigo, sem assinatura, publicado no ano de 1893 na revista Sophia, em cuja época mal se vislumbravam, no mundo científico, os fatos relativos à estrutura íntima da matéria. Estão agora plenamente confirmados os prognósticos do articulista anônimo.

A gulsia de esclarecimento devemos informar aos prezados leitores de «O Luzeiro» que, uma vez cumprida a missão de H. P. Blavatsky — a fundadora da teosofia no Ocidente — transportando para este hemisfério a Sabedoria Esotérica do Oriente, inaugurou-se dessa forma o ciclo do néo-espiritualismo, deslocando-se o centro de gravidade da Ciência Esotérica para as terras do continente americano. No Brasil, coube à SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA o desempenho de um papel de primeira grandêza neste trabalho de preparação para o ciclo prestes a despontar.

Dito isto, passemos à leitura do mencionado artigo que se intitula:

ORIGEM E FUNDAMENTO DOS CONHECIMENTOS TEOSÓFICOS

«Existiu em todos os tempos uma ciência secreta, uma doutrina oculta, até o presente absolutamente vedada à cultura européia, e sobre a qual a História não chegou ainda a suspeitar da realidade de sua existência. Começa-se, agora, a divulgar esta doutrina e, com isto, nossa civilização é ajudada a atravessar a fronteira do invisível, onde se deteve por causa de seu egoísmo.

Assim como o contato com o Oriente, por meio das Cruzadas, trouxe o Renascimento das culturas grega e romana, o novo contato com o Oriente, por efeito da dominação da Índia pelos Ingleses, transportou para o Ocidente os elementos ário-indús, indispensáveis para remontar a cultura às suas origens antiquíssimas.

A existência da Ciência oculta se perde na noite dos tempos. Conheciam-na, mais ou menos, os indús, egípcios, caldeus, pelasgos, etruscos e celtas; em resumo, todos os grandes povos da antiguidade, tanto os da Ásia como os da África, Europa, América e Oceania, segundo o demonstram a unidade e a universalidade de seus símbolos, gravados em caracteres indelévels em seus respectivos templos. Quem tenha penetrado nas profundezas desta ciência, lerá as mesmas verdades nos muros de Palenque como nos de Luxor, nos pagodes lavrados nas entranhas da rocha, na Índia, como nos restos ciclópicos de toda a região mediterrânea e nos

colossos que na Ilha de Páscoa nos revelam a existência de raças e continentes submersos.

Esta ciência conservou-se, e se conserva ainda hoje, tão vigorosa e viva como nos tempos primitivos, depositada entre os restos daqueles povos que sobreviveram a tôdas as catástrofes e procuraram refúgio nos lugares mais afastados e inacessíveis da chamada civilização. A capital, por assim dizer, destes últimos lugares fica nos Himalaias, no Tibet e em alguns lugares da Índia. Entretanto, apesar dos quatro séculos decorridos desde que os europeus se estabeleceram na Índia, não começaram até agora a ser instruídos pelos depositários daquelas verdades; primeiro, porque o móvel dos conquistadores foi unicamente o lucro, apesar de já estarem chegando à Índia homens movidos por um interesse científico; segundo, porque aqueles tempos foram de fanatismo e perseguição, e impróprios, portanto, para a difusão de princípios como os da Teosofia.

A Teosofia, em seu aspecto de ciência, baseia-se no desenvolvimento de certas faculdades do espírito, superiores à inteligência, faculdades que estão latentes em todo homem, mas cujo desenvolvimento depende de exercícios mentais, pelos quais o espírito se desenvolve, do mesmo modo como, mediante a ginástica se desenvolvem os músculos, pois, como disse Kant, «a inteligência não pode abarcar mais que o fenômeno, enquanto que o numeno, que se lhe escapa por completo, só pode ser penetrado pela intuição».

A inteligência é, com efeito, uma faculdade apta para recolher tudo quanto passa pelo campo dos sentidos, e está condicionada ao organismo grosseiro que tem o cérebro como órgão principal. E', pois, a inteligência a faculdade que corresponde aos seres que vivem ainda na esfera da animalidade, mesmo quando esta se ache já humanizada. Numa palavra, é a faculdade do relativo e do transitório. Para o absoluto existe outra faculdade que o homem só pode desenvolver quando deixar de viver no condicional e no efêmero, para elevar-se ao eterno. E assim, como os lóbulos cerebrais são os órgãos próprios da inteligência, a intuição tem também o seu, que é a glândula pineal, cujas verdadeiras funções a ciência ignora totalmente.

Tal faculdade já desponta em alguns seres da atual geração, aos quais se denominam de clarividentes, isto é, que vêem para além da esfera alcançada pelos olhos materiais. E' com esta faculdade que se percebe, com efeito, o supra-sensível; alcança-se o número; chega-se à verdade, sem ser preciso seguir o lento e tortuoso caminho do raciocínio. Ela é, ademais, a condição prévia e indispensável para o estudo da Ciência Secreta.

Os esforços espirituais necessários para o desenvolvimento da intuição e de seu correspondente sentido da clarividência constituem o que se chama a **Iniciação**.

Os iniciados são indivíduos que, por seu desenvolvimento moral e elevação de pensamento, colocaram-se em condições de um Mestre ou Adepto de grau superior

os tomar a seu cargo para abrir-lhes as portas que dão entrada ao conhecimento dos grandes mistérios da Natureza. Depois de certas provas, no sentido de demonstrar a completa aptidão do neófito para a nova vida a que aspira, é admitido aos ensinamentos, os quais tem por objeto despertar nele os órgãos e faculdades que o hão de pôr em contato com a verdade.

O mundo invisível aparece, assim, por graus, à sua nova vista, onde se encontra a origem da matéria com que, sem cessar, se formam os mundos do Universo visível, e para onde retornam os elementos dos orbes que, continuamente, se desfazem e se aniquilam. A luz que envolve tal mundo não parte de sol algum concreto, mas, pelo contrário, é ela quem empresta seu brilho a todos os sois que iluminam o espaço visível. Ali o Inlcldado contempla, também, miríades de seres não suspeltados, exercendo incessantemente ações misteriosas relacionadas com a própria vida do Universo: as forças secretas e inteligentes da Natureza, produtoras dos fenômenos que vemos e tocamos, reguladoras das leis físicas pelas quais se regem os mundos. Ali descobre as correntes eletro-magnéticas ou etéreas com a mesma clareza com que o olho material vê as correntes líquidas percorrendo seus leitões. Ali se apresentam a sua vista seres cujas espécies se contam por milhões, que constituem os protótipos cujas cópias tomam corpo na Natureza visível. Ali, como em eterno arquivo dos anais do Universo, podem se ver impressas as folhas de quantos acontecimentos se realizaram nos mundos do infinito, e lêr, escritos em letras de fogo, os destinos futuros de quanto alenta os espaços sem fim ou de quanto dormita no caos de onde se hão de formar novos universos...

Mas, tudo isto e muito mais, está encoberto pelo Véu da Iniciação, o Véu de Isis. O conhecimento gradual de tais segredos traz consigo o descobrimento de tôdas as leis e forças da Natureza e, portanto, a própria faculdade de torcer o curso dos acontecimentos, de transformar em maior ou menor escala o processo da vida no planêta; donde fazer milagres não significa nunca transgressão às leis naturais, e sim o conhecimento de leis superiores, naturais, também, apesar de desconhecidas. Tamanho poderio em mãos de gente imoral, de gente que visa fins egoístas, seria de funestíssimas consequências para a humanidade, como acontecerá no dia em que se chegue à aplicação mais ampla do hipnotismo, das forças inter-moleculares e inter-atômicas, já suspeitadas pela ciência, e, em geral, de todos os chamados fluidos imponderáveis, que não são senão elementos da vida astral que nossa moderna cultura está começando a vislumbrar.

Além destas e de outras generalidades a respeito do mundo astral, os Adeptos da Índia deram informes sobre outras verdades, cujo conhecimento êles esperam traga imensas vantagens para a humanidade atual. Essas verdades têm relação com todos os ramos do saber humano, e, ainda que tenham sido poucas as que nos foram dadas, em relação com as que ficaram por revelar, já enchem milhares de volumes nos países do Ocidente.

O conjunto destas verdades constitui a Teosofia. Nela estão compreendidos todos os problemas relativos à formação dos mundos, à origem do homem, à evolução humana e ao destino da humanidade depois da morte.

As conclusões da Teosofia poderão parecer dogmáticas aos homens de ciência; mas não é assim, pois que são resultados da observação e da experiência de idades pretéritas e de onde a ciência moderna extrai suas conclusões. A diferença está nos métodos empregados. O Ocultismo, que se acha sempre por traz dos ensinamentos teosóficos, emprega, para comprovar êsses ensinamentos, métodos que têm por base uma severa disciplina interna, no sentido de desenvolver o espírito, a fim de fazê-lo apto para penetrar nas misteriosas profundidades da Natureza. Afina, digamos, o instrumento do conhecimento, despojando a mente de todos aqueles elementos inferiores que se opõem à sua clara percepção e elevando-o ao grau de poder de que é suscetível para abarcar o conjunto de quanto a rodeia, identificando-se com todo o Universo, para chegar, assim, à raiz do conhecimento, em que o sujeito conhecedor e o objeto conhecido constituem uma unidade indissolúvel.

A ciência ordinária é incapaz de chegar a tamanhos resultados, porque, ignorando os colossais poderes latentes na mente, não prepara de antemão o homem para as investigações que tem por objeto. Utiliza ela, unicamente, os sentidos físicos e as rudimentares faculdades psíquicas que possui a massa comum, sem suspeitar sequer que, no seio de nossa própria natureza, existe o embrião de novos sentidos e de poderes espirituais cujo desenvolvimento é indispensável para abordar os problemas que transcendem a esfera da vida meramente animal que temos na presente etapa da nossa evolução.

O homem comum, que tem seus sentidos voltados exclusivamente para os problemas diários da vida, está para os estudos do Ocultismo como um camponês em relação às ciências puras ou filosofias. Entretanto, a ninguém ocorreria dizer que as conclusões da ciência são dogmáticas tão somente porque a imensa maioria da humanidade não a pode compreender. Aplique-se, pois, igual critério aos ensinamentos do Ocultismo, e ver-se-á que não existe razão alguma séria para que se duvide de sua exatidão, mormente por quem ignora tudo quanto existe por traz do véu que os tóscos objetos da natureza física colocam ante sua vista.

Para levantar êsse véu é necessário passar pela Iniciação, aberta a quem quer que tenha verdadeira vontade de palmilhá-la.

Para estimular semelhante desejo e preparar convenientemente o caminho, é que veio hoje ao mundo a propaganda teosófica, divulgando as doutrinas fundamentais do Ocultismo, que o discípulo poderá, oportunamente, vêr confirmadas por seus próprios olhos».

Nota da Redação — Aos leitores de «O LUZEIRO» que se interessarem por um curso intensivo de teosofia, sugerimos-lhes a conveniência de se dirigirem por carta ao Departamento de Correspondência da S. T. B.

Rua Buenos Aires, n.º 81 - 2.º andar.

RIO DE JANEIRO.

LEIA

ASSINE E

DIVULGUE

“O LUZEIRO”

HINO NACIONAL BRASILEIRO - VERSÃO TUPI (*)

NHEENGARICÁUA RETAMAUÁRA

DR. FARIS A. S. MICAHESI

Cembyua Ypiranga çui, pitúua,
Ocenú kirimbáua çacemoçú
Coaracy picirungára, cendyua,
Retama yuakaupé, berabuçu.
Cepy quá iaueçáua çui ramé,
Itayiuá irumo, iraporepy,
Mumutara çáua, ne pyá upé,
I manocáua oiko iané cepy.
Iaçaiçu ndé
Oh moetéua
Auê, Auê!

Brasil, ker pi upé, coaracyáua,
Caiçu i çaarúçáua cui ouié,
Mareçé, ne yuakaupé, poranga.
Ocenipuca Curuça iepé!

Turuçu reikó, ara rupí, teen,
Ndé poranga, i santáua, ticikyié
Ndé cury quá mbaé-uçu omeen.
Yuy moetéua,
Ndé remundú,
Reikó Brasil,
Ndé ixaçu!
Mira quá yuy çu, ndé cy catú,
Ndé ixaçu,
Brasil!

Ienotyua catú pupé reikó,
Memé, paráteapú, quá ara upé,
Ndé recendy, potyr America çui.
I Coaracy omucendy iané!

Inti orekó purangáua pyré
Ndé nhu soryçára omeen potyra pyré.
"Cicué pyré oreko iané cauçú".
Iané cicué, "ndé pyá upé, çaiçu pyré".
Iaçaiçu ndé
Oh! moetéua!
Auê, Auê!

Brasil, ndé pana iacy-tatá-uára
Toikó rangáua quá caiçu reté,

I quá-pana iakyrá-tauá tonhee
Cuire catuama, ierobiára kuecê.

Çupí tacape repuama remé
Ne mira apgáua omaramunhá,
Iamoeté ndé, inti iacekyé.

Yuy moetéua
Ndé remundú,
Reikó Brasil,
Ndé, ixaçu!
Mira quá yuy çui cy catú,
Ndé, ixaçu,
Brasil!

(*) Já saíram publicadas, neste periódico, as seguintes versões do HINO NACIONAL BRASILEIRO: em Esperanto (em o n.º 6), em Português e Latim (em o n.º 7), em Quichua (n.º 8-9) e, agora, em Tupi. Deve-se estas publicações ao esforço patriótico e desinteressado do ilustre militar, e não menos ilustre homem de letras, Cel. Arlindo Viana, um dos ornamentos do Exército Brasileiro (nôta da redação).

ACERCA DE UMA PASSAGEM DO "TALMUD"

Uma passagem do Talmud diz que, «quando Deus criou a Terra, reuniu os anjos, as feras e os animais, e lhes disse: «Façamos o homem». Cada um deles, então, contribuiu com um pouco do seu ser. Assim, no homem se reúnem forças animais e bestiais, angelicas e divinas, as quais estão em luta constante».

O Talmud dizemos nós, tal como a Bíblia e outros livros sagrados, por terem sofrido as adulterações que lhes imprimiram os homens e não os Deuses que os escreveram ou ditaram, contêm erros e contradições mais que aberrantes. E como "Deuses" não sejam anjos, onde buscar as "forças divinas" a que se refere a passagem acima? Eis aí a razão pela qual a Teosofia — como SABEDORIA DIVINA — explica melhor a Cosmogênese (a criação do Mundo) e a Antropogênese (a criação do homem), pois são duas fases bem diversas da Divina Criação da Terra e dos seres que nela habitam. Do mesmo modo, que diferença pode haver entre os termos "bestiais e animais"? Na própria língua francesa bête é animal.

De nossa parte, só nos resta dizer:

A Terra deu ao homem a sua própria constituição, de

acôrdo com as TRÊS RONDAS OU REINOS da Natureza: do mineral, deu-lhe os ossos; do vegetal, o sistema nervoso ou "vegetativo"; do animal, o circulatório. E assim formado "o póte de argila", para não chamar de "manequim humano", neste vibram três partes: a animal ou bestial ("a besta rugidora"), a angelical e a Divina. Sim, porque a angelical é aquela que separa a divina da terrena, na razão também desses dois mundos. Nesse caso, ao homem incumbe conciliar uma parte com a outra, despojando-se de tudo quanto de animal lhe reste.

Nas escrituras orientais, chama-se a este fenômeno de "a luta entre o Eu e o Não-Eu", o princípio superior e o princípio inferior. Daí, ainda, aquela divina súplica: "Do ilusório conduza-me ao real. Das Trevas à Luz. Da morte à Imortalidade".

De resto, convém lembrar que "o ANJO com o Demônio se confundem". Não foi este um ANJO EXPULSO DO CÉU?

Por infelicidade, nem todos podem compreender semelhante mistério...

H. J. SOUZA

MENSAGEM DE V. I. A.

Este periódico tem a imensa satisfação de transcrever, para seus leitores, a mensagem enviada pelo Nucleo pacifista V.I.A., através do ilustre membro de sua Diretoria, Dr. Jaddo Couto Maciel, que também é um destacado e operoso membro da Sociedade Teosófica Brasileira.

Esta mensagem, transbordante de Idealismo e Amor, é uma expressão das outras muitas que o VINCULO INTERNACIONAL DE AMIZADE, através das ondas hertzianas, envia aos mais longínquos recantos da Terra:

«Completando hoje o Nucleo pacifista Vínculo Internacional de Amizade a sua segunda década, seus dirigentes enviam, nesta singela mensagem de Amor e afeto fraternal, a todos os coidealistas, seu cordial e sincero abraço de congratulações por esta significativa efeméride. E, elevando o pensamento ao Creador, imploram misericórdia para a Humanidade, para que esta oriente os seus problemas vitais nos princípios da não-violência e da Fraternidade, afim de que surja na terra a anunciada «Nova Era», fundamentada na virtude cívica e evolução espiritual».

Cidade do Salvador, 24 de Junho de 1953.

Jaddo Couto Maciel

pela Diretoria d'VIA

 INSTITUTO CULTURAL «ITAPARICA»

Com o nome em epígrafe foi fundada, na cidade de Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas, a 24 de junho passado, mais uma Instituição, de caráter cultural-espiritualista, filiada à Sociedade Teosófica Brasileira. Sua primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente — Sr. Antonio de Oliveira Reis, Secretário — Sr. Avelly dos Reis Corrêa.

Este periódico deseja à nóvel Instituição, através de sua ilustre e esforçada Diretoria, um caminho seguro e rápido pela Vereda Estreita da Iniciação.

TEATRO S. JOÃO

Em o número anterior de «O LUZEIRO» saiu publicada uma fotografia do interior do Teatro S. João, tirada em 1910 durante memorável sessão, nele realizada pelo Conselheiro Rui Barbosa. Não se trata de um erro propriamente dito, o que saiu na legenda de tal fotografia, ao ser citado o nome do escritor Euclides da Cunha entre os assistentes, mesmo que a pessoa, que foi tida por ele, muito se parece com o famoso escritor, desaparecido um ano antes, não podendo, portanto, figurar naquela sessão. Trata-se de uma informação errônea que foi dada ao autor que, embora arrendatário do mesmo Teatro, em tal época, nada tinha a ver com semelhante caso, mais próprio dos reporteres ali presentes. (A Redação).

EU SOU

Poema de ANGELUS ELOIM

*Eu sou o Vento que murmura nas fibrilhas das folhas
A canção da Eternidade.
Sou o pássaro que ama o Sol,
Sou a nuvem que corre distraída através dos prados do céu.
Sou a penumbra madura de saudade ununciando a noite.
Os sorrisos luminosos dos astros emanam da minha Luz.
E vivem na minha infinita essência os infinitos mistérios
diluídos no Cosmos.
A creança ri contente porque existo nela.
Os séres cantam saudosos de MIM,
E anseiam minha PRESENÇA.
As flores dormem serenas repousadas em meu peito.
E dos seus hálitos trescalam perfumes sutis.
Dimanados da minh'alma eterna e refulgente.
Eu sou a pura expressão da Vida Eterna!
E dessa Fôrça nasceste tu, peregrino imortal,
Viajor da estrada do sonho e da saudade!
Tuas sandálias rôtas tocam o meu SER,
Porque EU SOU a terra que tu pisas,
O céu que tu olhas,
O Infinito que te deslumbra!
E num fraternal e comovente amplexo,
Confundiremos um dia nossos séres:
Quando rires como as creanças,
Quando amares como as flores,
E quando alçares, qual pássaro líberto,
O infinito vôo do AMOR UNIVERSAL!*

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1953.

 CONCLUSÃO DA PAG. 36

Orlando B. Almeida, Diretor Responsável de «O ARAUTO» — O Espelho de São Lourenço, a «Cidade Moça» — teceu as mais elogiôsas considerações, em torno do fato em apreço, dizendo, em síntese: «Lavrou um tento a Edilidade local...» (veja-se «O ARAUTO», n.º 5, ano XVII, de 12 de julho do corrente ano).

Muitas outras pessoas ilustres manifestaram-se sôbre o mesmo acontecimento, e, entre elas, o Dr. Edmundo Cardillo que, como Vereador da Câmara de Póços de Caldas, falando na convenção política, realizada na segunda semana de julho em S. Lourenço, referiu-se de fôrma elogiôsa à Câmara Municipal desta cidade, pelo nobre gesto de reconhecer a S.T.B. de utilidade pública. Nesta mesma ocasião, falando com um ardor extraordinário e sendo delirantemente aclamado, o Prof. Cardillo teve a oportunidade de se referir, da mais elogiôsa fôrma, à Sociedade Teosófica Brasileira, inclusive quando diz que foi nessa Fonte de Sabedoria onde bebeu os conhecimentos que possui sôbre tão transcendentales assuntos. E, falando do Brasil, citou que é nele onde se conservam as brasas de Agni, o «Fogo Sagrado», servindo-se das palavras do Dirigente da S.T.B., e terminando com as palavras do sociólogo Vasconcelos: «E' dentre as bacias do Amazonas e do Prata que sairá a raça cósmica, realizando a concórdia universal, porque será filha das dôres e das esperanças de toda a Humanidade». Na parte política, foi um dos mais ardorosos oradores em defesa do progresso do Estado de Minas Gerais.

E, assim, de parabens estão, a S.T.B., a Câmara Municipal mas, também a cidade de S. Lourenço que possui razões mais que sobejas para ser considerada como CAPITAL ESPIRITUAL DO MUNDO!

AINDA SÔBRE O RECONHECIMENTO DE UTILIDADE PÚBLICA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA.

Como havia sido anunciado, em o número próximo passado de «O LUZEIRO», transcrevemos abaixo, na íntegra, o projeto de Lei n.º 195, apresentado pelo distinto e operoso vereador Dr. Antonio Lourenço de Bittencourt Filho à egrégia Câmara de S. Lourenço, e por ela unânimemente aprovado:

Senhor Presidente:

Tenho a honra de apresentar à consideração desta Câmara o seguinte decreto-lei.

1.º — Considerando que a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA é uma instituição eminentemente cultural e cívica, fundada em São Lourenço em 1921, e aqui tendo sua sede, possuindo estatutos registrados, personalidade jurídica e sendo sem cor político-partidária;

2.º — considerando, por isso mesmo, que não é uma RELIGIÃO, ou seita análoga, como se depreende dos mesmos estatutos, das afirmações públicas e repetidas feitas em conferências e em suas publicações, inclusive no jornal VERITAS, aqui publicado, de propriedade e responsabilidade de alguns dos seus sócios, conforme se vê do exemplar anexo, n.º 8, edição de 24 de Janeiro de 1953;

3.º — considerando que em Belém do Pará, onde possui um Departamento com Escola, é considerada de utilidade pública;

4.º — considerando que, pelo seu caráter cultural, é filiada a ONU, onde mantém um representante;

5.º — considerando que se trata de uma instituição, que é uma autêntica escola de cultura intelectual, moral, cívica e artística, como é evidente pelas conferências que realiza, pelas suas publicações e pelos festivais que tem levado a efeito, inclusive nesta cidade, com artistas exclusivamente de seu quadro social;

6.º — considerando, que, pela atuação mais próxima de nós, qual a de seus sócios aqui residentes e sobejamente conhecidos pela população local, trata-se, de fato, de uma Sociedade composta de pessoas que se dedicam ao estudo, à disseminação de idéias generosas de paz e fraternidade humana, combatendo a ignorância, o erro e os maus costumes, e demonstrando alto espírito cívico, o que lhes tem valido a consideração pública, como é notório;

7.º — considerando o evidente amor desinteressado que a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, por seus membros, tem pela cidade de São Lourenço, tanto que, como é sabido, vêm transferindo residência para a Estância, — os que possuem capitais, trazendo-os e os aplicando aqui, e os que não têm, tal como os primeiros, emprestando seu espírito cívico e a ela dedicando a cultura adquirida, como afirmam, na dita SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA;

8.º — considerando que a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA aqui edificou um monumento arquitetônico, a que deu o nome de TEMPLO, como homenagem a todas as religiões do mundo, e emblema do seu ideal de Paz Universal — TEMPLO que é uma das atrações turísticas de São Lourenço, sendo, no seu gênero e caráter o único do Mundo;

9.º — considerando que a SOCIEDADE TEOSÓ-

FICA BRASILEIRA tudo de seu e somente de seu tem dado à cidade, sem nunca pedir, inclusive realizando uma constante propaganda em todo o Brasil sobre a Estância, por meio de sua revista DHARANÁ, seu órgão oficial, encaminhada a muitos assinantes e correspondentes no estrangeiro, e por meio de outras publicações de seus membros, como por exemplo, «O LUZEIRO», editado em São Paulo, tendo, por várias vezes, através do seu referido órgão oficial, publicado em edições caras, e tudo à sua custa, amplas reportagens com farta clichêrie, dos hotéis, logradouros e aspectos da cidade, e tudo sempre desinteressadamente, por exclusivo amor à cidade;

10.º — considerando que, conforme dados colhidos através de informações de seus membros aqui residentes, e facilmente comprováveis pelas escrituras públicas e outras fontes, sócios da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA residentes e ainda não residentes em São Lourenço, já aplicaram aqui capitais que se aproximam da cifra de Cr\$ 6.000.000,00; e que a esta trazem grande benefício financeiro com suas CONVENÇÕES NACIONAIS, realizadas anualmente, as quais canalizam para a Estância cerca de Cr\$ 700.000,00, já que o número médio de visitantes anuais da referida sociedade é de cerca de 500;

11.º — considerando que a ação filantrópica da Instituição, que nos meses de Fevereiro de cada ano, distribue aos pobres da cidade, roupas e outras utilidades no valor aproximado de Cr\$ 30.000,00, sem que para isso solicite óbulos a quem quer que seja, além do que contribue para as instituições locais de caridade, como tem contribuído;

12.º — considerando, enfim, pelo que se vê e é patente, que se trata de uma Sociedade nobre, composta de pessoas, cuja atividade só tende para a harmonia social, mantendo ressonância com todas as correntes de pensamento político e religioso, mesmo porque se mantém à margem de todas as disputas, o que a coloca numa posição de dignidade, que a honra e aos que a ela pertencem;

O Senhor Prefeito Municipal decreta:

ARTIGO ÚNICO — É reconhecida de utilidade pública a SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, com sede nesta cidade;

§ ÚNICO — Esta lei entra em vigor na data da sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

São Lourenço, 28 de Maio de 1953.

(a) Antonio Lourenço Bittencourt Filho, Vereador.

Este projeto de Lei, logo depois sancionado pelo Exmo. Sr. Dr. Emilio Abdon Póvoa, Prefeito Municipal de S. Lourenço, teve magnífica acolhida em todos os meios e camadas sociais e, em particular, pela imprensa local. Assim é que o ilustre e digníssimo jornalista, Sr.

(CONCLUE NA PAG. 35)

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:

Prof. H. J. Souza

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

REDATOR-CHEFE

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

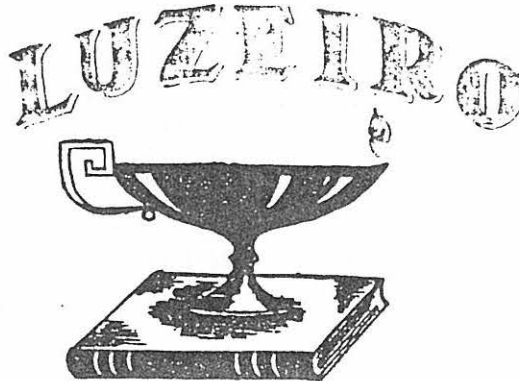
SECRETÁRIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



SUPLEMENTO DA REVISTA "DHÂRANÂ"

SUMÁRIO

Ecce Homo! . . .

"Justus et Perfectus".

Relembrando o Passado.

Sublime Causalidade!

Homenagem aos Dois Grandes Luminares do Teatro Religioso e do Teatro Popular: José de Anchieta e José de Alencar.

Hino Nacional Brasileiro
Versão Guarani.

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, desde periódico, desde que citada a sua origem.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL

ECCE HOMO! . . .

PIZARRO LOUREIRO (2)

Abrindo o velário da grande ribalta espiritual, na qual, numa simbólica representação, se desdobraria aos olhos e à consciência dos leitores de DHÂRANÂ, a esplêndida e inesquecível peça, que é a **Secção Especial dedicada a São Lourenço**, neste número concluída, tive ocasião de predizer os tesouros de beleza, de ensinamentos, de verdades e de grandezas ocultas que ela transmitiria, entre marcações maravilhosas, contracenas magistrais e cenários empolgantes. Disse que ela seria uma mensagem de suprema significação espiritual, a antevisão de um mundo nem sempre acessível à nossa pobreza de inteligência e à nossa enublada consciência e que ela filtraria, por certo, cachoeiras de luz através da espessa cortina mayávida que nos separa dos manjares abundantes, das verdades primordiais, das belezas eternas, onde a paz perfeita e a contemplação divina, escrevem poemas infinitos de ternura, de generosidade, de fraternidade e, sobretudo, de amor.

Disse-vos que essa peça era um raro e singular privilégio a todos concedido; porque, em realidade, através de estranhos conúbios entre cenas materiais e quadros espirituais, ela traria a tódas as inteligências sedentas de belo, e a tódas as consciências ansiosas de verdade, ângulos claros e luminosos, de onde se pode vislumbrar o mundo a que todos aspiramos, estradas reais e imponentes por onde passam os eleitos, jornada diuturnamente, a grande viagem em busca da Canaã prometida desde o alvorecer das idades, caminho de Damasco da redenção e da imortalidade.

Como compêre da peça fiz a sua apresentação. Mas, antes de cerrar o velário, que dá por finda a representação desse Auto admirável, que ficará para sempre

AVISO IMPORTANTE

Para a perfeita compreensão do presente número de "O LUZEIRO", que deve ser lido atentamente "com os olhos do Espírito", recomendamos a leitura de dois números anteriores: 11 e 13/14. (A Red.)

na vossa memória e no vosso coração, dir-vos-ei algo sobre a figura que resplandece na postada do presente número e muita coisa também de outra figura que encarna, em nosso meio, o mistério das mistérios, a suprema responsabilidade crística dos redentores sofrimentos. . .

A capa com que hoje Dhâranâ se apresenta, simboliza o «Cavaleiro das Idades», aquêle Ser misterioso e infinitamente grande que vela pela humanidade e pelos mundos e que tão profundamente vive no coração dos homens de fé ou de sentimento, dos homens que ultrapassaram os umbrais da vida terrena perecível, para gozar com a vista do espírito o panorama das belezas infinitas e eternas que está reservado àquêles que se venceram a si mesmos, para integrar-se na sabedoria e verdade universais.

Jorge, George, Gorge ou Akdorge, como é chamado em certas linguas, seu nome filtra nas almas, através de milênios, um duplo sentido, poético e heróico. Poético, porque lembra os lendários cavaleiros andantes do ideal e da honra, pelejando entre as misérias do mundo, no seu corcel branco, em defesa do amor, da verdade e da beleza.

Heróico, porque nos transmite a bravura de um Sér que não teme o mundo visível com todo o seu poder maléfico e enfrenta êsse outro mundo simbólico, de onde as trevas forcejam por expulsar a luz que resplandece, como um sol de esperança, nos céus visíveis da humanidade angustiada e aflita, que se atropela na busca ofegante e dolorosa da sobrevivência.

Maitri, Maitreya, na Índia; Akdorge, no Tibet; Erdemi, na Mongólia; Perseu, na mitologia grega; Êle é o símbolo da Redenção da Mônada, isto é, da humanidade, tão bem representada no Prometeu encadeado ao Cáucaso — cárcere carnal — à espera do Epimeteu libertador. Por isso mesmo, semelhante ao arcanjo Miguel, ou Michael, que deu combate aos exércitos do Mal, e que se encontra à porta do Paraíso Terrestre com sua espada flamejante, não para que ali não tenha